

Editorial - A OTAN e a Sua Estrutura Militar Integrada

General
Gabriel Augusto do Espírito Santo



A estrutura militar integrada da OTAN constitui o seu elemento diferenciador de outras alianças que visam a segurança e defesa. Foi essa estrutura, constituída por comandos, forças e capacidades militares, representando a contribuição voluntária das suas nações membros, que permitiu à Aliança, durante quarenta anos, materializar um conceito estratégico militar que servisse a estratégia definida por consenso entre norte-americanos e europeus para defesa de valores que se consideravam comuns ao mundo euro-atlântico.

Essa estratégia, de carácter defensivo, que foi evoluindo no tempo da Aliança, adaptando os seus objectivos ao comportamento do *outro*, na linguagem da estratégia, passou pelos conceitos de *contenção*, de *distensão* e, com o desaparecimento do *outro*, no de *cooperação* visando a segurança contra riscos e ameaças que se consideram globais mas que ainda são diferentemente percebidos pelos vários actores na cena internacional. Os instrumentos privilegiados dessa estratégia foram e continuam a ser a diplomacia, a economia, a ciência e a tecnologia e a força militar.

O conceito estratégico militar que serviu essa estratégia evoluiu desde a defesa avançada com retaliação maciça (da arma nuclear) até à defesa avançada com resposta flexível. Os instrumentos militares para executar aquele conceito passaram pela tríade materializada por forças convencionais, armas nucleares de Teatro e armas nucleares estratégicas. Os avanços feitos na redução mútua, progressiva e equilibrada em armas nucleares e armamentos convencionais permitiram que a Aliança se fixasse mais nas forças convencionais e em sistemas defensivos estratégicos para realizar a sua estratégia. Depois da fragmentação da URSS e do desmembramento do Pacto de Varsóvia os conceitos estratégicos adoptados pela Aliança (1991 e 1999) têm encontrado dificuldades em materializar um conceito estratégico militar que sirva os objectivos da OTAN. Se conceitos como contenção ou distensão podem ser traduzidos em objectivos militares, o mesmo não pode ser afirmado, sem dificuldade, para o conceito de cooperação.

As sucessivas evoluções do conceito estratégico da Aliança têm dado mais ênfase ao seu carácter de segurança do que ao seu carácter de defesa o que se tem traduzido em prejuízo da sua estrutura militar integrada. Ainda que o número de nações membros da Aliança tenha duplicado de 1991 à actualidade (de 13 passou a 26 e há dois convites para adesão), os efectivos militares com que essas nações, especialmente europeias, contribuem para a estrutura militar da OTAN decresceram cerca de 50%, as capacidades militares não acompanharam as exigências necessárias para os conflitos modernos contrariamente ao que aconteceu nos EUA e as despesas com a defesa passaram do indicador de 3% dos PIBs para menos de 2%. Diminuíram comandos e instalações para a defesa, os efectivos militares passaram quase que generalizadamente para uma força militar de voluntários e as estratégias de “baixas zero” dominam as políticas europeias de defesa. No Afeganistão, nos sectores Leste e Sul onde é necessário combater estão americanos e alguns europeus e não europeus que não perderam a vontade de combater. Nos sectores Norte e Oeste estão efectivos militares a quem as suas direcções políticas proíbem combater.

A OTAN procura um novo Conceito Estratégico e a sua próxima Cimeira em França e na Alemanha (já realizada quando estas considerações forem publicadas), talvez acorde algumas directrizes para a sua definição. Mais importante do que esse Conceito será a Directiva Militar que traduza as orientações para a força militar com que a Aliança deve contar e que é o seu elemento diferenciador de outras alianças. A segurança não deve esquecer a defesa territorial; a gestão de crises regionais e globais necessita que a Aliança continue a dispor de forças expedicionárias, prontas, rápidas e robustas para poderem estar nos locais e aí permanecer pelo tempo necessário (a ONU precisa definir claramente o quê, o onde, o como, o para quê precisa da OTAN); as novas ameaças cibernéticas ou à energia, precisam novas capacidades militares.

A OTAN precisa, para utilidade, credibilidade e sobrevivência da sua estrutura militar integrada. É urgente voltar ao essencial, revendo a estrutura de Comando e o Sistema de Forças.

* Presidente da Direcção da Revista Militar.